

SOBRE A PINTA E A PASSIVIDADE SEXUAL: SENTIDOS DE FEMINILIDADE PARA HOMENS COM PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS DO RECIFE-PE

Amanda França Pereira¹; Luís Felipe Rios²

¹Estudante do Curso de Graduação em Psicologia - CFCH – UFPE; E-mail: amanda_fp13@hotmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Psicologia – CFCH – UFPE . E-mail: lfelipe.rios@gmail.com

Sumário: O artigo analisa as formas de engajamento de jovens homens homossexuais femininos na comunidade homossexual do Recife, enfocando na passividade sexual (prazer em ser penetrado analmente), considerada um importante atributo para classificá-los como *pintosos* (femininos). A pesquisa foi embasada numa abordagem teórica que concebe a sexualidade como construção social, e foi realizada através do método etnográfico, com ênfase na construção de biografias sexuais. No olhar dos *pintosos*, inda que as homossexualidades se digam por duas categorias de gênero, eles apontam para gradações de *pintosos* e de *boys* (masculinos), em função de marcadores de classe, renda e performances de masculinidade e feminilidade. A passividade sexual é um importante marcador de feminilidade para os homens, não obstante há *pintosos* ativos (prazer em penetrar analmente o parceiro), e também existem aqueles dispostos à atividade sexual quando parcerias fixas. Queremos destacar que a feminilidade aparece como importante marcador de estigmatização na trajetória de vida de nossos entrevistados, a qual, inclusive, é incorporada nos sentidos que os próprios homens femininos atribuem aos *pintosos*.

Palavras-chave: feminilidade; gênero; homens; passividade sexual; sexualidade;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou investigar as formas de inserção de homens jovens na comunidade homossexual do Recife e como estes se utilizam dos atributos considerados femininos na construção de suas performances de gênero. Ele possui um recorte etnográfico e está embasado em uma abordagem teórica que percebe a sexualidade como construção social (Parker, 1991; Rios, 2004).

Parker (1991) e Rios (2004a) sugerem que as estigmatizações às homossexualidades estão fundadas nas construções de gênero. Nas camadas mais pobres, traços de efeminamento (voz, roupas, maneirismos, etc), fontes de prazer (ânus) e posições sexuais (penetrando), todas categorizadas como femininas, vão significar os sujeitos como *bicha*, *frango*, *viado*, etc. Em contraposição, homens que tem relações sexuais com outros homens, mas se dizem ativos e se encaixam dentro do estereótipo de masculinidade, são tidos como heterossexuais ou “homens de verdade”, mesmo interagindo sexualmente com homens (cf. FRY, 1983, GREEN, 2002). O feminino/passivo e o masculino/ativo estabelecem a compreensibilidade das sexualidades (Fry, 1983) que, conforme Butler (2003), estão situados dentro de uma heterossexualidade compulsória (Rubin, 1993).

Butler (2010) localiza os usos dos atributos de masculinidade e feminilidade como constituídos performativamente. Isso se realiza por mecanismos identificatórios inconscientes, e é capaz de produzir efeitos sem que os indivíduos tenham completa consciência disso.

Macedo, França e Simões (2010) retratam que mesmo nos lugares em que "dar pinta" é motivo de diversão, algo costumeiro, "os tipos que parecem mais masculinos, mais discretos e menos espalhafatosos tendem a ser os mais desejados." (SIMÕES, FRANÇA e

MACEDO, 2010: 53) Foi observado pelos autores que isso acarreta numa contenção de comportamentos dos rapazes "mais espalhafatosos" com intuito de entrar no *pódio* dos desejados ou quando tentam atrair a atenção de alguém que lhes interessa.

Os autores abordam como a raça se relaciona com gênero (masculinidade) para compor o perfil do rapaz desejado (eroticamente falando). A figura do negão é alvo de grande interesse no centro histórico de São Paulo. Esta figura é composta por "a combinação entre certo estilo de vestimenta (boné, camiseta regata justa, bermudão ou jeans), tipo físico (alto e musculoso), performance de gênero (masculina) e cor de pele escura produzem a figura do "negão". (SIMÕES, FRANÇA e MACEDO, 2010: 53-54). O negão é visto como detentor de pênis grande, de desempenho sexual excelente e de grande vigor, além de uma sensualidade *nata*.

Perante o exposto aqui, buscamos compreender como os usos de atributos de feminilidade influenciam na composição das performances de gênero de homens homossexuais do Recife, focando no valor da passividade sexual.

MATERIAIS E MÉTODOS

Embasada numa abordagem etnográfica (GEERTZ, 1987), a pesquisa envolveu observação participante na comunidade homossexual do Recife, e entrevistas com enfoque biográfico com 25 homens, dentre estes, 14 efeminados. Destacamos que os homens femininos entrevistados são, em sua maioria, de camadas sociais populares. Este trabalho utilizou as entrevistas dos homens efeminados, entretanto sublinhamos, as observações e demais entrevistas oferecem contexto significativo amplo e serviram como pano de fundo para as interpretações aqui apresentadas. Nos utilizamos de uma análise temática dos discursos e seguimos a perspectiva interpretativa da "dupla hermenêutica, sugerida por Giddens (1984). O projeto seguiu as recomendações do Conep (Comitê de Ética em Pesquisa) e para manter o sigilo e anonimato usamos de pseudônimos para nomear os sujeitos entrevistados.

RESULTADOS

Focamos nossa análise nos 14 interlocutores classificados pela equipe como femininos. Vale lembrar que para classificar os entrevistados em masculinos (*boys*) ou femininos (*pintosos*), utilizamos dos próprios critérios encontrados na comunidade, como modos de ser (gestualidade, sotaque, vestimentas, adornos, etc.), posição erótica do parceiro (Passivo/Ativo), na interface com outros marcadores sociais (cor e classe/renda).

Como já assinalado, duas grandes categorias de homens oferece a inteligibilidade para orientar as interações e construir as subjetividades: os *boys* e os *pintosos*. Para os nossos informantes, os *boys* são homens masculinizados e frequentemente não percebidos como homossexuais, ainda que façam sexo com homens. Para alguns há uma verdadeira gradação de níveis de masculinidade: *cafuçu* é o homem bruto, rude, com movimentos mais firmes e geralmente são percebidos ativos. Eles são associados às classes sociais mais pobres. O homossexual com trejeitos femininos será imediatamente percebido como passivo e denominado *bicha*, *frango* ou *viado*. Já o homossexual masculinizado, ou, como denominam nossos informantes, "discreto", é em geral percebido como ativo.

Nos relatos sobre as carreiras sexuais, nota-se maior envolvimento dos *pintosos* com *boys*. Nos parece que o modelo hierárquico apresentado por Peter Fry (1982), do "homens" se relacionarem com as "bichas" é o preponderante.

[Então, tu prefere geralmente o cara que parece mais boy, assim né, do que esses mais femininos?] Prefiro, não que seja assim, que pareça mais boy



mesmo. Mas, que seja gay, contanto que, assim, mais discreto. Menos, menos gay do que eu. (WAGNER, 18, Feminino)

Não obstante, se a feminilidade sugere passividade sexual, não é bem isso que os relatos de nossos entrevistados revelam. A construção das posições eróticas se dá de forma mais fluida do que informa as categorias de gênero.

[Ah, tu é ativo? Tu não é passivo não?] Não. [Ah, tu prefere sempre ser ativo?] Uhum. (...) Eu acho que ser passivo não é só o fato de ser penetrado, sabe. Eu acho que é diferente. Eu acho que ser passivo é quando você se entrega mais, se deixa dominar. É, eu sou ativo em todas as maneiras. Eu domino, eu gosto de dominar, eu gosto de penetrar, na verdade. Não gosto de ser dominado, sabe. Eu gosto de mandar, de comandar. (ELTON, 23, Feminino).

É verificado nas entrevistas analisadas que a predominância das respostas sobre posição erótica era de versatilidade. Entretanto, alguns sujeitos se disseram exclusivamente passivos ou exclusivaente ativos. Ainda assim, muitos alegaram que frente a necessidade de um parceiro fixo, abririam mão de sua posição de preferência erótica e se colocariam na outra para fazer as vontades do parceiro e estimular maiores níveis de prazer.

[E normalmente nessas tuas relações, tu é mais passivo, mais ativo? Tu tem alguma preferência?] Eu sou passiva (risos). Eu sou passiva, mas meto bala. É não. Eu sou passiva, mas eu já fui, sim, ativo. Mas, não é minha preferência, eu não gosto. (ISAAC, 18, Feminino)

DISCUSSÃO

Por meio da análise das entrevistas, podemos perceber como o gênero opera na construção de posições femininas e masculinas dos indivíduos do cenário homossexual do Recife. Pudemos compreender também os significados das posições eróticas (passivo/ativo) na composição das relações sexuais; como estes significam e constroem essas posições na relação com o outro.

Apesar do indivíduo efeminado ser usualmente visto como o passivo, alguns dos nossos entrevistados se classificaram como ativos. Destacamos que as posições eróticas são bastante fluídas nas parcerias fixas.

Também é importante sublinhar que o estigma que os homens com práticas homossexuais femininos carregam é algo muito forte, inclusive sendo utilizado pelos próprios homens femininos para desqualificar outros homens femininos.

CONCLUSÕES

Os dados analisados sugerem que o sistema hierárquico de gênero, *bicha x homem*, ainda prepondera como organizador de parcerias sexuais e afetivas entre os homens femininos entrevistados. Ressaltando que a grande maioria deles pertencia a camadas sociais populares.

No entanto, parece que há uma decalagem entre aquilo que acontece “entre quatro paredes” e o que a performance pública de gênero (masculinidade e feminilidade) deveria sinalizar. A grande maioria dos homens relata estar disposta a penetrar o parceiro caso as circunstâncias exigirem.

AGRADECIMENTOS

Ao PIBIC/UFPE-CNPq, ao CNPq (Processos 402235/2010-0; 303056/2011-8; 405259/2012-3), e aos entrevistados que colaboraram com nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BRAH, A. (2006). *Diferença, diversidade, diferenciação*. Cadernos Pagu, Núcleo de Estudos de Gênero- Pagu/Unicamp, n. 26, p. 329-376.
- BUTLER, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- BUTLER, J. (2010). *Cuerpos que importan*. Sobre lós limites materiales y discursivos Del “sexo”. Buenos Aires: Paidós.
- FRY, P. (1983). *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GIDDENS, A. (1984). *The constitution of society: on outline of the theory of structuration*. Cambridge/Berkeley: University of California Press.
- GREEN, A. (2002). *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP.
- LANCASTER, R. (1999). “That we should all turn queer?”: Homosexual stigma in the making of manhood and the breaking of a revolution in Nicaragua. In: R. PARKER, & P. AGGLETON (Eds.). *Culture, society and sexuality* (pp. 97-115). London: UCL.
- MONTEIRO, S., VARGAS, E., CECCHETTO, F., MENDONÇA, F.L. (2010). Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). *Cad. Pagu*, 35, 79-109.
- PARKER, R. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Best Seller.
- PERES, W. (2004). Violência, exclusão e sofrimento psíquico. In: RIOS, L.; ALMEIDA, V.; PARKER, R.; PIMENTA, C. & TERTO JR, V. (Org.), *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. (pp. 116-122). Rio de Janeiro: ABIA.
- RIOS, L. F. (2011). “*LOCE LOCE METÁ RÊ-LÊ!*”: posições de gênero-erotismo entre homens com práticas homossexuais adeptos do candomblé do Recife. In: Polis e Psique, Vol. 1, 212 – 231. Pernambuco: UFPE.
- RIOS, L. F. (2004a). *O Feitiço de Exu - Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- RUBIN, G. (1993). *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS Corpo.
- SIMÕES, J. A., FRANCA, I. L., MACEDO, M. (2010). Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cad. Pagu*, 35, 37-78.
- TORRES, M. A., PRADO, M. A. (2014). Professoras transexuais e travestis no contexto escolar: entre estabelecidos e outsiders. *Educacao e Realidade*, 39, 201-220.